rudolf steiner

a educação prática do pensamento

aprender a pensar a partir da realidade

conferência proferida em karlsruhe (alemanha), em 18 de janeiro de 1909

tradução de
octavio jnglez de souza

sumário

prefácio do tradutor 9

a educação prática do pensamento 13

nota bibliográfica 38

prefácio do tradutor

ao terminar esta tradução da conferência sobre a educação prática do pensamento, proferida em 1909 pelo dr. rudolf steiner, pareceram-me necessárias algumas palavras explicativas sobre a matéria tratada; pois, como não posso deixar de fazer, suponho que o público brasileiro e português muito pouco ou quase nada conheça da antroposofia, à qual se referem algumas passagens desta conferência e que constitui o corpo de ensinamentos devidos ao dr. steiner.

a antroposofia, segundo o dr. steiner a definiu já quase no fim de sua carreira e de sua vida, é a ciência que conduz o espírito humano ao espírito cósmico, fazendo com que o espiritual ou supra-sensível existente no homem possa penetrar e compreender o espírito ou o suprafísico que está na base do universo.

os primeiros passos desta ciência do espírito deviam consistir na reconstrução de órgãos supra-sensíveis, no despertar de faculdades latentes na alma e no espírito do homem por uma disciplina especial do pensamento, do sentimento e da vontade, e no conhecimento supra-sensível do mundo, da humanidade e do homem.

a esse primeiro período pertencem as obras do dr. steiner que estudam a formação e o aperfeiçoamento de órgãos e faculdades de visão suprafísica, apropriados à observação dos fenômenos inacessíveis aos sentidos físicos. essas obras narram ou explicam certos acontecimentos que só podem ser compreendidos com o entendimento desses fenômenos supra-sensíveis. dentre elas, as principais são[a]: *o conhecimento dos mundos superiores, teosofia, a ciência oculta, o limiar do mundo espiritual e a direção espiritual do homem e da humanidade*.

algumas noções, das mais simples, são indispensáveis para se compreender a fundo este pequeno tratado da prática do pensamento - escrito com grande clareza mas, por outro lado, com muita precisão. o dr. rudolf steiner havia publicado boa parte de seu ensinamento quando proferiu esta conferência. daí a necessidade de, agora, fazer preceder sua tradução de alguns breves esclarecimentos. essas noções indispensáveis, porém simples e compreensíveis, são as seguintes:

o organismo humano não existe apenas para o mundo físico, para o mundo que podemos ver com os olhos ou perceber de qualquer modo com os sentidos físicos. a parte da organização humana acessível ao conhecimento sensorial, análoga, por assim dizer, ao mundo mineral, é o que denominamos 'corpo físico'. além destes fenômenos acessíveis aos sentidos próprios do corpo físico, outros nos são familiares, como os de crescimento, assimilação e excreção, reprodução, etc., que os sentidos não apreendem imediatamente e que não são menos reais que os outros.

o reino vegetal também apresenta, além dos fenômenos físicos que manifesta em comum com o reino mineral, outros como os de crescimento, assimilação, reprodução, etc., que se passam num mundo superior ao dos sentidos. a este mundo suprafísico, sede de tais fenômenos, próprios tanto do reino vegetal como dos reinos humano e animal, denomina-se 'mundo das forças formativas' ou 'mundo etéríco'. e claro que esta denominação nada tem em comum com o chamado *éter,* peculiar a certas hipóteses da física moderna.

o organismo adequado para viver nesse mundo etérico, imediatamente acima do mundo físico da matéria, denomina-se 'corpo etérico'. possui corpo etérico tanto a planta como o animal e o homem, pois a todos estes seres é comum o conjunto de propriedades supra-sensíveis representadas por crescimento, assimilação, reprodução, etc., conjunto geralmente denominado *vida,* ausente no mineral.

entre esses seres que manifestam a *vida* assim compreendida, alguns- os vegetais - não possuem a faculdade de sentir, da qual são dotados os homens e os animais. as emoções, os afetos, a sensibilidade, as paixões, os instintos, constituem um mundo diverso do etérico, superior a este - tão real quanto o físico, mas acessível apenas aos nossos órgãos supra-sensíveis. a esse mundo

a v. nota bibliográfica na pág. 12.

supra-sensível se dá, na ciência espiritual, o nome de ‘mundo astral’. tal denominação só pode ser perfeitamente compreendida em graus mais avançados dos estudos antroposóficos, quando se vem a conhecer as relações ocultas entre a terra e os astros. para agir e perceber nesse mundo anímico, o homem - e, em comum com ele, o animal - possui um corpo ou veículo que é a sede de seus instintos, sentimentos e paixões, denominado ‘corpo astral’.

outros fenômenos observáveis em nosso ambiente, como a consciência, a linguagem, a faculdade de contrapor-se ao mundo exterior com um mundo interior próprio - caracterizando a individualidade num de seus aspectos essenciais - formam um outro mundo situado acima do físico, do etérico e do astral e ao qual pertence, dentre todos os seres físicos, apenas o homem. e com seu eu, com o mais íntimo e o mais particular do seu ser, que o homem toma parte nesse mundo. ele compreende tal participação e reconhece o veículo que isto lhe faculta quando diz de si mesmo eu no isolamento da meditação ou ao aprofundar-se em si nos primeiros passos do autoconhecimento. esse veículo é o ‘corpo do eu’ ou ‘corpo mental’, sede de sua autoconsciência, que só o homem, dentre os seres terrestres, possui no mundo físico. aprofundar o conhecimento desse veículo e do mundo que lhe corresponde é um dos muitos objetivos da antroposofia. o presente estudo é um dos capítulos em que se aprende a conhecer a atividade do pensamento, que é a mais própria do homem e lhe permite iniciar o estudo e a visão dos mundos supra-sensíveis.

a pequena obra que se vai ler dará uma idéia do valor mental e prático da antroposofia. seria manifesto engano a suposição de que a ciência espiritual antroposófica seja apenas doutrinária, ou que constitua um corpo de abstrações e teorias. ao contrário, a fecunda concepção de rudolf steiner demonstra sua realidade objetiva e concreta nos pormenores mais comezinhos da vida cotidiana. e foi com profunda razão e com a mais absoluta verdade que o dr. steiner escreveu certa vez as seguintes palavras:

> nem todos podem tornar-se clarividentes de um momento para outro, mas o saber dos clarividentes é verdadeiro alimento sadio e robusto para todas as almas. todos podem aplicá-lo na vida. quem o fizer verá o quanto a vida se enriquece com ele, e o quanto se torna pobre sem ele. os conhecimentos dos mundos supra-sensíveis, quando aplicados corretamente à vida humana, mostram-se não abstratos ou inúteis, mas eminentemente práticos no mais alto sentido da palavra.

que este pequeno trabalho sobre a cultura prática do pensamento possa dar, a quem o leia, medite, releia e assimile, a força mental capaz de abrir-lhe as portas da antroposofia e colocá-lo em contato com a obra maravilhosa de rudolf steiner, é o que deseja

o tradutor.

a educação prática do pensamento

poderá parecer singular que justamente a antroposofia venha falar publicamente da educação prática do pensamento. para quem não a conhece, a antroposofia não é absolutamente prática e nada tem em comum com a vida real. esta opinião, porém, só a pode manter quem observa as coisas superficialmente e sem conhecimento de causa.

a verdade, no entanto, é que o presente estudo pode e deve servir de fio condutor para a existência cotidiana, para a vida terra-a-terra, sendo que tais conhecimentos assim adquiridos podem transformar-se a qualquer momento em sentimentos e impressões — impressões e sentimentos que nos tornem, na vida, mais sólidos e fortes.

quem se considera prático imagina estar agindo conforme os princípios mais práticos. observando de perto, verificaremos que o pensamento considerado prático nem sequer é pensamento — é um simples jogo automático de julgamentos rotineiros e hábitos mentais. considerando com a mais absoluta objetividade o que se chama habitualmente de 'espírito prático', veremos que o pensamento desses 'práticos' não vai além das lições que eles aprenderam, consistindo em pensar como pensava o professor ou como pensava quem inventou este ou aquele objeto — enfim, em tirar as conclusões que lhes ensinaram a tirar. quem pensa de modo diverso passa por 'não-prático', porque seu pensamento não coincide com as opiniões estabelecidas.

tendo sido um dia, entretanto, descoberta alguma coisa de realmente prático, acaba-se por ver que não foi propriamente um 'prático' quem a descobriu. tomem-se como exemplo nossos atuais selos do correio. seria muito natural supor que tivessem sido, evidentemente, inventados por algum especialista da administração postal. mas não foi assim. no princípio do século passado, enviar uma carta era coisa complicadíssima. era necessário ir a uma sala especial, onde se escrituravam vários livros, e aí submeter-se a toda sorte de formalidades. faz apenas uns sessenta anos que as cartas começaram a ser seladas como o são hoje. e os selos foram inventados não por alguém considerado prático no serviço postal, mas por um inglês de nome hill[a], que nada tinha a ver com o correio. e ao serem assim inventados, o ministro dos correios disse no parlamento inglês: "primeiramente, não se pode admitir que com esta simplificação o tráfego aumente tanto como, por falta de prática, imagina esse sr. hill; em segundo lugar, supondo-se que isso acontecesse, o edifício dos correios em londres seria insuficiente para esse tráfego."

a esse homem tão *prático* não passou pela cabeça que não era o tráfego das cartas que devia acomodar-se ao tamanho do edifício dos correios, mas este é que devia corresponder ao tráfego. então aconteceu que, numa luta rapidíssima, a vitória coube ao *homem sem prática,* que assim derrotou o grande *prático* — e hoje em dia todos acham naturalíssimo as cartas serem franqueadas por meio de selos.

análogo é o caso das estradas de ferro. quando, em 1837, se pensou em construir a primeira via férrea entre furth e nuremberg, o colégio bávaro de medicina, consultado, declarou não ser aconselhável a construção de estradas de ferro; se, apesar de tudo, acabassem por construí-las, deveriam ao menos edificar uma alta muralha de cada lado da linha, a fim de evitar aos transeuntes o sofrimento de abalos nervosos e cerebrais.

quando estavam para construir a linha postdam-berlim, o sr. stengler, administrador geral dos correios, disse: "faço viajar diariamente para postdam duas diligências postais, que não vão cheias. quem quiser jogar dinheiro pela janela, que o faça então."

as concretas realidades da vida ultrapassam e sobrepujam os que se crêem homens práticos.

e preciso distinguir o verdadeiro pensamento daquilo que se chama 'espírito prático'; este não passa de um julgamento resultante de hábitos mentais.

contarei agora uma pequena experiência que se passou comigo, e que servirá de introdução ao presente estudo:

em meu tempo de estudante, veio ver-me certa vez um jovem colega, cheio daquela alegria que se observa entre pessoas inspiradas por idéias engenhosas, e disse-me: "vou procurar o professor *x*" — que então ensinava mecânica numa escola superior —, "pois fiz uma grande descoberta. descobri que, com uma pequena energia de vapor, transformada de modo conveniente, posso obter uma enorme energia por meio de uma só máquina". mas não podia dizer-me, pois tinha muita pressa de ir falar ao professor. não o tendo encontrado, voltou e explicou-me a questão com todos os pormenores. desde logo eu suspeitara tratar-se de algo análogo ao moto perpétuo. mas afinal, por que isso não poderia ser, um belo dia, possível de algum modo? depois que ele me explicou tudo, achei que devia dizer-lhe: "sim, certamente tua descoberta revela um espírito

---

a *sir* rowland hill (1795—1879), reformador dos correios ingleses, foi quem criou o primeiro selo postal do mundo (1840, *1 penny).* (n.e.)

perspicaz, mas do ponto de vista prático é como se alguém subisse num vagão de trem e o empurrasse do lado de dentro com imenso vigor, acreditando pô-lo em movimento. e neste princípio mental que se baseia tua invenção." então ele concordou comigo e não voltou mais ao professor.

e desse modo que alguém pode, por assim dizer, incrustar-se no próprio pensamento. raros são os casos em que essa incrustação se evidencia. muitos homens se incrustam na vida com seu pensamento, sem o revelar de maneira tão palpável como no exemplo que citamos. quem pode penetrar mais intimamente na realidade das coisas sabe como são numerosas as operações mentais dessa natureza — verdadeiras incrustações inconscientes: os homens se lhe afiguram como se estivessem num vagão e o empurrassem do lado de dentro, na ilusão de serem eles os autores do movimento.

muito do que acontece na vida aconteceria de modo diverso se tanta gente não acreditasse que é possível mover um carro empurrando-o com bastante vigor do lado de dentro. a verdadeira prática do pensamento exige e pressupõe que se encare a atividade mental com critério e sentimentos adequados. como adquirir, neste sentido, uma justa e apropriada atitude mental?

quem se convenceu de que o pensamento apenas se passa no interior do homem, na cabeça ou na alma, não terá sobre o pensamento um modo adequado e objetivo de sentir. essa convicção errônea cria obstáculos para uma correta prática mental, não deixando que o pensamento estipule claramente as exigências indispensáveis à sua própria atividade. a sensibilidade correta com relação ao pensamento consiste na seguinte reflexão: — se podemos formar pensamentos sobre as coisas e assim conhecê-las, é preciso que os pensamentos preexistam nas coisas. as coisas devem ter sido construídas conforme pensamentos. e somente por isso que podemos extrair os pensamentos das coisas.

devemos imaginar a realidade exterior do universo como o mecanismo de um relógio. tem-se feito largo uso desta comparação, mas com ela se esquece freqüentemente a existência de um relojoeiro. deve-se ver claramente que as rodas e as molas não se combinam por si mesmas para constituir o relógio e fazê-lo trabalhar. houve necessariamente, antes do relógio, um relojoeiro que o fez. não nos esqueçamos deste relojoeiro. seus pensamentos se materializaram no relógio — por assim dizer, se derramaram nele.

e deste modo que devemos pensar sobre todas as obras da natureza, sobre todos os processos naturais. quando se trata de atividade humana, essa verdade é evidente por si. nos fenómenos naturais, porém, ela não se deixa facilmente perceber, embora aí também operem certas atividades de ordem supra-sensível, provenientes de entidades espirituais.

quando alguém pensa nas coisas do mundo, sua atividade mental se exerce simplesmente sobre o pensamento que foi posto anteriormente nas coisas. a crença de que o mundo foi criado pela força do pensamento, e pela força do pensamento se mantém, é a primeira condição para tornar fecunda a atividade pensante interior.

É sempre a descrença na atividade espiritual do mundo que acarreta ao próprio terreno científico as piores aberrações do pensamento. por exemplo, quando alguém diz: "nosso sistema planetário formou-se graças a uma nebulosa primitiva que, animada por movimento de rotação, se condensou num astro central; deste se destacaram três anéis e esferas, a assim se constituiu mecanicamente todo o sistema planetário" — comete, dizendo isso, um grave erro de pensamento. hoje em dia se fazem belas demonstrações desse sistema, e nas escolas se exibe a experiência que consiste em derramar num copo d'água uma gota de óleo e introduzir uma agulha no meio da gota para produzir um movimento de rotação. pequenas gotas se põem a gravitar em torno da gota central, e acredita-se ter demonstrado aos alunos, com essa pretensa miniatura do sistema planetário, como se pode imaginar mecanicamente sua origem.

e uma aberração do pensamento que leva a tirar tais conclusões deste experimento. ora, o operador que assim transporta sua experiência de laboratório ao sistema do mundo esquece-se de algo que seria muito bom esquecer em outras ocasiões: esquece-se de si mesmo. esquece-se de ter sido ele quem pôs a gota em rotação. se não tivesse intervindo, as gotinhas nunca se teriam destacado da gota central. se isto for levado em conta, se o observador completar assim sua observação e a generalizar para o sistema planetário, então seu pensamento se tornará completo.

tais erros de pensamento representam hoje em dia, sobretudo no que se denomina atualmente ciência, um papel de suma importância. estas coisas deveriam merecer muito maior consideração do que se imagina.

quem deseja falar sobre a verdadeira prática do pensamento deve saber que pensamentos só podem ser extraídos de um mundo que realmente os contenha. assim como só se pode tirar água de

um copo se este a contiver, só se pode extrair pensamento de objetos se estes o contiverem previamente. o mundo é construído segundo pensamentos, e só por isso é possível extraí-los dele. se não fosse assim, não existiria a possibilidade de pensar. quem se convence do que acabamos de dizer ultrapassa facilmente o domínio das idéias abstratas. quem confiar plenamente na verdade de que atrás das coisas residem pensamentos se converterá, prontamente, a uma prática mental edificada sobre a realidade objetiva das coisas.

estabeleçamos agora alguns aspectos da prática do pensar, de especial importância para os que se firmam em bases antroposóficas. quem se compenetra de que o mundo dos fenômenos decorre em pensamentos compreende a importância da disciplina correta do pensar.

suponhamos agora que se queira fortificar fecundamente o pensamento, de modo a tê-lo sempre orientado em todas as circunstâncias da vida: será então necessário atender às regras que seguem, interpretando-as de modo a considerá-las verdadeiros princípios práticos. quando se orienta obstinadamente por eles o próprio modo de pensar, esses princípios tornam realmente práticos os pensamentos, embora à primeira vista não pareça assim. aliás, outras experiências, de natureza superior, virão enriquecer o pensamento se tais princípios forem praticados.

suponhamos que se faça a experiência seguinte:

certo dia se observa um fenômeno do universo perfeitamente acessível, isto é, que possa ser observado completamente — por exemplo, a aparência do céu. observa-se a configuração das nuvens, a maneira como o sol desapareceu no poente, etc. faz-se então a imagem mental tão perfeita quanto possível do que se observou. tenta-se conservar esta imagem o mais possível com todos os seus pormenores, fazendo um esforço para mantê-la fielmente, com toda a sua nitidez, até o dia seguinte. no dia seguinte torna-se a observar, mais ou menos à mesma hora, ou mesmo em hora diferente, o tempo e a aparência do céu, repetindo-se o esforço para formar uma imagem completa das observações feitas.

formando desse modo claras imagens mentais de aspectos sucessivos, perceberemos nitidamente que o pensamento se enriquece e se torna interiormente intenso, pois o que produz a ineficácia do pensamento é, em geral, a inclinação muito forte para se deixarem de lado os pormenores nos fenômenos sucessivos, guardando-se mentalmente apenas representações vagas e confusas. o que é essencial e precioso para alguém tornar fecundo o pensamento é formar imagens exatas dos fenômenos sucessivos, dizendo então consigo: ontem as coisas eram assim, hoje são de outro modo. as duas imagens, correspondentes a fenômenos distintos do mundo real, devem ressurgir perante o espírito com a maior nitidez, à semelhança de quadros.

em tudo isso, primeiramente, nada mais há do que uma especial expressão da confiança no pensamento cósmico. o homem não deve tirar imediatamente esta ou aquela conclusão, nem querer deduzir, das observações de hoje, o tempo e a aparência do céu de amanhã. isto corromperia seu pensamento. deve-se ter a confiança em que, na realidade exterior, as coisas se encadeiam e os fenômenos de amanhã estão relacionados com os fenômenos de hoje.

sobre isto não se deve especular, mas elaborar o mais exatamente possível imagens representativas dos fenômenos que se sucedem no tempo, refletir sobre eles e depois fazer com que essas imagens persistam lado a lado, até que uma se transforme na outra. este é um princípio bem definido, uma lei fundamental do pensamento, devendo segui-la todos os que querem desenvolver um modo realmente objetivo de pensar. e útil aplicá-lo especialmente às coisas que ainda não compreendemos, em cuja coesão interna ainda não conseguimos penetrar. por isso, justamente com relação aos acontecimentos ainda incompreensíveis (como, por exemplo, os fenômenos meteorológicos) é necessário ter a confiança de que tais acontecimentos, interligados interiormente por correspondência, criam correspondências interiores em nós. e isto deve dar-se somente em imagens, com abstenção do pensamento. a pessoa deve dizer consigo: “ainda não sei qual o nexo íntimo das coisas, mas eu as deixarei desenvolver-se em mim e, se me abstiver de especular, elas hão de agir em mim de algum modo.” compreende-se que, ao se evocarem intimamente as mais precisas imagens de acontecimentos sucessivos, com abstenção de pensamento próprio, alguma coisa se passa nos organismos invisíveis do ser humano.

a vida das representações tem por sede o corpo astral. enquanto o homem se entrega a especulações, esse corpo astral é o escravo do eu; nessa atividade, contudo, não pode desenvolver-se, pois também se acha numa certa relação de dependência para com o cosmo inteiro.

ora, na mesma proporção e medida em que nos abstemos de especulações arbitrárias, concentrando-nos unicamente nas imagens de fenômenos sucessivos, os pensamentos cósmicos agem em nós e se inscrevem em nosso corpo astral, sem que tenhamos consciência disso.

a medida que, pela observação objetiva, nos conformamos com a marcha dos fenômenos

cósmicos, acolhendo, sem perturbá-las, as imagens percebidas e deixando-as agir em nós, gradualmente nos tornamos mais inteligentes nos componentes de nosso ser que se acham fora de nossa consciência.

se pudermos conseguir que, no caso de fenômenos intimamente interligados, uma imagem venha a transformar-se na outra, no fim de algum tempo veremos então que nosso pensamento adquire uma espécie de elasticidade.

assim devemos proceder relativamente às coisas que ainda não compreendemos. porém com relação àquelas que compreendemos — como, por exemplo os acontecimentos cotidianos de nosso ambiente —, devemos comportar-nos de modo diverso.

tomemos como exemplo um fato trivial: alguém, talvez nosso vizinho, agiu deste ou daquele modo. reflitamos sobre o fato, ponderando as razões ou os motivos que o teriam feito agir, e suponhamos que assim haja feito para preparar qualquer outra ação para o dia seguinte. nada mais digamos no momento. representemos mentalmente e de modo claro o que ele fez, tentemos imaginar previamente o que fará depois e aguardemos o que irá realmente acontecer. pode ser que ele faça de fato o que havíamos pressuposto; pode ser que as coisas se passem de modo diverso. quando nos acharmos na presença real dos acontecimentos, tentaremos corrigir e melhorar por meio deles nossos pensamentos anteriores.

deste modo procuramos, no presente, acontecimentos que acompanhamos mentalmente em direção ao futuro, aguardando então o que irá ocorrer. podemos proceder assim tanto com relação aos atos humanos quanto a outras coisas. sempre que compreendermos um fato, façamos uma imagem do que será, em nossa opinião, sua conseqüência. aconteceu o que esperávamos? então muito bem era correto nosso pensamento. se o acontecimento é diverso do que esperávamos, reflitamos sobre onde nos enganamos, esforcemo-nos por corrigir os pensamentos anteriores e, tranqüilamente, pelo estudo e pela observação, pesquisemos a origem e a natureza do erro.

quando acertarmos, evitemos com a maior cautela ufanar-nos de nossas profecias, não exclamando: “ah, eu já sabia o que ia acontecer.”

eis aí um novo princípio decorrente da confiança que se deve ter no necessário encadeamento dos fenômenos: nos próprios fatos existe algo que impele as coisas adiante. as forças que assim trabalham interiormente, de um dia para outro, são forças de pensamento. por esses e outros exercícios apropriados, elas se tornam presentes em nossa consciência. quando se realiza o que havíamos pressuposto, é por nos acharmos em harmonia com elas e ficarmos em íntima conexão com a real atividade interior dessas forças de pensamento.

deste modo nos habituamos a pensar não arbitrariamente, mas em conformidade com a necessidade interna do mundo exterior.

podemos também exercer a atividade prática do pensamento em outra direção. todo acontecimento de hoje se relaciona com o de ontem. suponhamos, por exemplo, que uma criança se haja comportado mal. quais serão as causas? acompanhemos os acontecimentos de trás para diante, isto é, de hoje para ontem. imaginemos, por hipótese, as causas que ainda não conhecemos, dizendo: “se isto está acontecendo hoje, é porque foi preparado algum acontecimento anterior.”

procurando indagar o que realmente se passou, apuramos finalmente se tudo foi bem ou mal pensado. se a verdadeira causa foi prevista, está tudo bem; se nossa hipótese, porém, não se realizou, então nos cabe esforçar-nos por esclarecer o erro, comparando o desenvolvimento de nossa associação de idéias com a maneira como os fatos realmente se passaram.

para realizarmos estes princípios, o essencial é termos realmente tempo para considerar as coisas sob este aspecto: portando-nos como se estivéssemos dentro das coisas com nosso pensamento e mergulhássernos na atividade interna dos fenômenos, no pensamento íntimo dos fenómenos. assim fazendo, observamos gradualmente que nos incorporamos às coisas, deixando de ter a impressão de que as coisas estão lá fora e nós, alheios a elas, refletimos a seu respeito. ao contrário, sentiremos que nosso pensamento adquire dentro das coisas uma certa mobilidade. quando se alcança essa faculdade em grau superior, muita coisa se esclarece. um homem que adquiriu essa faculdade no mais alto grau, um pensador que assim vivia com seu pensamento no interior dos fenômenos, foi goethe. o psicólogo heinroth escreveu em 1826, em sua obra *antropologia,* que o pensamento de goethe era um pensamento objetivo. o próprio goethe apreciou vivamente esta definição, significando que um pensamento assim elaborado não se separa das coisas — permanece no interior dos objetos, move-se dentro da necessidade da natureza exterior.

o pensamento de goethe era simultaneamente percepção, e sua percepção era ao mesmo tempo pensamento.

goethe foi muito longe com essa evolução de seu pensamento. aconteceu-lhe mais de uma vez, tendo projetado qualquer passeio, chegar à janela e dizer aos presentes: “em três horas choverá.” e assim acontecia. ele podia, do pequeno fragmento do céu que via da janela, predizer o que se ia passar daí a horas no estado climático. seu pensamento, fiel à natureza íntima das coisas, permitia-lhe perceber no fenômeno observado a preparação do fenômeno no futuro.

realmente, com esta prática de pensamento pode-se alcançar muito mais do que se imagina. quando se seguem os princípios aqui enunciados, vê-se que o pensamento se torna de fato prático, a perspectiva se alarga e o mundo se apresenta mais inteligível. gradualmente, a atitude do homem frente às coisas e os homens de seu ambiente se modifica de maneira radical. realizase nele uma verdadeira transformação interior, que o torna outro homem. e será sempre de imensa importância que o pensamento consiga entrar assim em comunhão com o mundo exterior, pois em suma, no mais alto sentido, tais exercícios constituem princípios ernínentemente práticos para a vida do pensamento.

existe um outro exercício especialmente adequado às pessoas que habitualmente não encontram, no momento oportuno, a idéia apropriada.

as pessoas que se acham nesse caso devem, antes de tudo, esforçar-se por não deixar o pensamento ser dominado a todo instante pelas impressões que lhes traz a marcha dos acontecimentos do mundo exterior. o que acontece na maioria dos casos é que essas pessoas, ao conseguir meia hora de descanso, deixam correr de um lado para outro os pensamentos, que tecem mil impressões arbitrárias em mil direções imprevistas. ou então se ocupam de algum aborrecimento da existência. este aborrecimento se insinua na consciência e a tiraniza sem cessar. quem segue tal caminho nunca achará, no momento necessário, o alvitre oportuno. para adquirir esta faculdade, terá de agir do seguinte modo: quando tiver ao seu dispor meia hora de repouso, deverá escolher por vontade própria o assunto de seu pensamento, que então introduzirá deliberadamente na consciência. por sua livre iniciativa refletirá, por exemplo, sobre qualquer experiência pessoal de seu passado, podendo escolher, digamos, um passeio que fez dois anos antes. aquele estado d’alma de dois anos atrás reviverá deliberada e espontaneamente em seu pensamento de hoje. durante algum tempo, ainda que somente por cinco nunutos, refletirá exclusivamente sobre isso. tudo o mais deve desaparecer durante esses cinco minutos, e ele deve poder afirmar a si próprio: “quem escolhe meu pensamento sou eu.”

como acabo de dizer, a escolha do pensamento não precisa ser assim tão dificil. o essencial não é agir por meio de exercícios complicados sobre a marcha das idéias, mas libertar-se mentalmente do automatismo que caracteriza a vida cotidiana — de modo que, durante a meditação, o pensamento se distinga do tecido de impressões com que nos envolve o curso habitual da existência. quando nos faltar a inspiração, quando outro alvitre não nos acudir, poderemos recorrer a um livro qualquer aberto ao acaso, leremos as primeiras linhas com que nos depararmos e refletiremos sobre elas. pode-se também escolher como objeto de meditação algo visto em certo momento como, por exemplo, quando se ia entrando no escritório pela manhã, sendo tão pouco importante que não se teria reparado nele senão pelo propósito deliberado de recordá-lo. o assunto deve distinguir-se das ocorrências de todos os dias, deve ser alguma coisa sobre a qual não se teria refletido no curso habitual das impressões.

praticando-se sistematicamente tais exercícios, repetindo-os freqüentemente, chegará o momento em que se revela no homem a faculdade de achar o alvitre necessário e oportuno nas ocasiões decisivas. o pensamento assim cultivado torna-se elástico e flexível, o que é de enorme importância na vida prática.

há um outro exercício especialmente apropriado para agir sobre a memória. inicialmente faz-se um esforço no sentido de obter a recordação de um acontecimento da véspera, pelo mesmo método corrente, um tanto grosseiro, com que se evocam as recordações comuns. habitualmente, essas recordações são vagas e indistintas. ao encontrar alguém, contentamo-nos em memorizar seu nome; contudo não devemos contentar-nos com isto se quisermos aperfeiçoar nossa memória.

compreendendo bem este ponto, esforcemo-nos em precisar claramente o que desejamos recordar, dizendo, por exemplo: “quero recordar-me com precisão do homem que vi ontem, da esquina em que o avistei, de tudo o que estava em torno dele; quero fazer um quadro de tudo o que vi: seu casaco, seu colete, sua atitude, etc.” então se verá, na maioria dos casos, que essa evocação completa é impossível. a grande maioria dos homens terá de reconhecer o quanto lhes é defeituosa e imprecisa a representação mental, isto é, a reconstituição concreta, por meio de imagens, do que tenham visto e experimentado na véspera.

tomemos como ponto de partida esses casos, tão numerosos, em que nem mesmo os

acontecimentos da véspera se consegue recordar com toda a nitidez. a observação humana é, de fato, quase sempre informe e vaga. um professor de universidade fez, certa ocasião, uma experiência com seu auditório, a qual veio demonstrar que, dentre trinta pessoas presentes, 28 fizeram observações errôneas. somente duas acertaram. ora, uma boa memória é filha de uma observação fiel. o progresso da memória depende da precisão e da nitidez do modo de observar. pela fidelidade da observação consegue-se obter uma boa memória. a transformação que se opera na alma faz com que da boa observação venha a nascer tinia memória fiel.

o que devemos fazer, pois, quando reconhecemos nossa incapacidade para recordar-nos completamente do que percebemos na véspera?

primeiramente, devemos esforçar-nos em obter essa recordação o mais perfeitamente possível. quando não for viável essa perfeição, imaginemos deliberadamente algo falso, mas que constitua um todo completo e acabado. suponhamos termos esquecido absolutamente se a pessoa encontrada por nós vestia uma roupa preta ou parda. imaginemos então que a roupa fosse parda, sendo pardas as calças, os botões do colete desta ou daquela cor, a gravata amarela... e, depois, evoquemos o ambiente em torno: a parede era amarela, à esquerda passava nesse momento um homem muito alto, à direita um de estatura baixa e assim por diante.

os pormenores de que realmente nos lembramos devem ser incorporados ao quadro evocado, mas o que não conseguimos recordar será completado arbitrariamente, com o único fim de compor em espírito uma imagem integral. a imagem assim obtida é evidentemente falsa, mas em virtude do esforço feito para completá-la seremos levados, no futuro, a observar com maior exatidão. tais exercícios devem prosseguir com perseverança. cinqüenta vezes seguidas talvez não dêem resultado satisfatório, mas na vez seguinte conseguiremos recordar nitidamente o aspecto e o modo de vestir do homem que encontramos na véspera. tornaremos a ver em pensamento todos os pormenores, até mesmo os botões do colete. nada nos escapará, e todas as particularidades se inscreverão em nós.

assim, com tais exercícios tornamos mais penetrantes nossas faculdades de observação e, em seguida, por ser a boa memória filha da fiel observação, obteremos o melhoramento e a maior fidelidade da memória.

deve-se ter o cuidado de reter não somente o nome e os traços principais do que se quer recordar, mas tanto quanto possível uma representação gráfica ou reconstituição pictórica com a máxima precisão até nos mínimos detalhes. quando falha a memória, completa-se o quadro com o próprio arbítrio, de modo a se constituir um todo completo. cedo veremos que desse modo, embora por caminhos de través, nossa memória se tornará cada vez mais fiel.

tais são as precisas indicações com que qualquer pessoa pode tornar cada vez mais prático seu pensamento. entre essas há uma de particular importância: o homem, quando pondera o que vai fazer, tem o vivo desejo de chegar logo a um resultado. ele delibera como deve proceder nisto ou naquilo, chegando a uma conclusão. É um instinto muito compreensível, mas com isso ele não conseguirá um modo prático de pensar. toda precipitação nesse sentido nos fará dar um passo atrás, e não adiante. neste domínio, a paciência é absolutamente necessária.

suponhamos que os senhores tenham de realizar aquela ação. poderão realizá-la deste ou daquele modo. haverá várias possibilidades. É necessário ter paciência, imaginando nitidamente o que aconteceria se procedessem de certa maneira e também o que aconteceria se outra fosse a maneira de proceder. ora, sempre razões de preferência para esta ou aquela resolução, mas agora os amigos devem abster-se de qualquer conclusão definitiva. devem esforçar-se em imaginar duas possibilidades e dizer consigo: “agora ponho ponto final— deixo de pensar sobre isso!” haverá quem fique nervoso com a situação, e fácil será superar a impaciência. É, porém, de extrema importância dominar o nervosismo e dizer a si mesmo: “as coisas podem ser assim ou podem ser diferentes, mas durante algum tempo não pensarei nisso.” se as circunstâncias permitirem, transfere-se a ação para o dia seguinte, mantendo-se ante o espírito a vista das duas alternativas. no dia seguinte se achará que no intervalo as coisas se modificaram, sendo possível decidir com maior conhecimento de causa e com melhor motivo que na véspera.

as coisas possuem em si uma necessidade interior. quando não procedemos arbitrária e impacientemente, e sim deixamos trabalhar em nós essa necessidade das coisas, ela de fato agirá sobre nós e enriquecerá nosso pensamento, de modo a permitir-nos no dia seguinte uma decisão mais acertada. tudo isso é extraordinariamente útil!

suponhamos, por exemplo, que nos peçam conselhos e que, por isso, tenhamos de decidir-nos sobre qualquer assunto. que se tenha paciência, que não haja precipitação em aconselhar, que se imaginem com calma diversas possibilidades, que não se chegue por vontade própria a qualquer

conclusão. deixemos tranqüilamente agir em nós, como forças, essas possibilidades. a sabedoria popular diz que a noite é boa conselheira, que se deve dormir sobre um caso difícil antes de resolvê-lo. o sono, porém, só por si não basta. É preciso edificar mentalmente duas, ou melhor, várias eventualidades, que continuam a desenvolver-se quando nosso eu consciente se liberta pelo sono. mais tarde voliaremos a refletir com vantagem sobre o caso. perceberemos que deste modo forças interiores de pensamento se revelam, e que o poder do pensamento se torna mais objetivo e eficaz.

tudo o que o homem procura no mundo ele acabará por encontrar no próprio mundo, seja ele o ferreiro em seu torno ou o lavrador em seu arado, seja pertencente às chamadas classes privilegiadas: com tais exercícios, seu pensamento adquirirá um valor prático em relação às coisas mais triviais da vida cotidiana. com esta disciplina ele compreenderá e verá tudo sob novo aspecto. conquanto relativamente ao princípio esses exercícios pareçam valer apenas para a vida interior, no entanto eles são de grande valor e extraordinário significado para o mundo externo, sendo suas conseqüências importantíssimas.

desejo mostrar-lhes com um exemplo como é indispensável exercer sobre as coisas um pensamento realmente prático: - um homem sobe numa árvore para um serviço qualquer. de repente cai, abate-se sobre o solo e morre. o primeiro pensamento a se apresentar é que ele morreu da queda. diremos que a causa é a queda, sendo a morte o efeito. essa é a aparente co-nexão entre causa e efeito; mas esta conclusão pode constituir justamente o contrário da verdade. e possível que o homem tenha sofrido, lá em cima na árvore, a ruptura mortal de um aneurisma, e por isso tenha caído. as coisas se passaram como se ele tivesse tombado em vida, e como se sua queda tivesse determinado a morte. e assim que se pode trocar a causa pelo efeito e o efeito pela causa.

neste exemplo, o engano é manifesto. nem sempre, porém, os erros desta natureza se revelam com tanta evidência. hoje em dia tais erros de pensamento estão-se tornando muito freqüentes, até mesmo - é forçoso reconhecer - nas questões científicas, nas quais podemos assistir diariamente a conclusões que constituem a inversão recíproca entre causa e efeito. se os homens não se apercebem desses erros, é porque não conservam em sua plenitude a faculdade de pensar.

vou dar-lhes um outro exemplo, que mostrará como se podem originar tais erros de pensamento e como evitá-los pela disciplina que expus aqui. suponhamos que um sábio afirme ser o homem descendente do macaco, isto é, que as forças observáveis no macaco, aperfeiçoando-se, dão origem ao homem. ora, para representar com clareza a importância que neste caso assume o pensamento, imaginemos que, por qualquer circunstância, o autor de tal conclusão venha a encontrar-se completamente só sobre a terra, tendo apenas por exclusivos companheiros aqueles macacos dos quais afirma descenderem os homens; ele fará estudos cuidadosos até obter, com todos os pormenores possíveis, uma representação ou um conceito do organismo do macaco. se ele agora se esforçar para fazer derivar do conceito de macaco o conceito de homem, admitindo-se que nunca tenha visto um homem, não o conseguirá: verá que seu conceito ‘macaco’ nunca se transformará no conceito ‘homem’.

se tivesse hábitos corretos de pensamento, ele diria consigo: “vejo que meu pensamento não consegue transformar-se de modo que meu conceito ‘macaco’ se torne o conceito ‘homem’. É que o macaco, tal como o estão vendo meus olhos, não pode transformar-se em homem. É por isso que essa transformação tampouco é possível em meu pensamento. algo deve ser acrescentado, algo que não posso ver...

esse homem, por conseqüência, deveria ver, por detrás do macaco que os sentidos percebem, algo supra-sensível, algo inacessível aos sentidos físicos. e é somente esse algo invisível que se lhe poderia afigurar como sendo capaz de transformar-se em qualquer coisa de humano.

não queremos insistir sobre a impossibilidade desse fenômeno em si, mas somente mostrar o erro de pensamento que se dissimula sob essa teoria. se os homens pensassem corretamente, seriam levados a concluir que, para se poder refletir sobre essa teoria, é necessário pressupor algo supra-sensível.

quando se reflete sobre tal assunto, vê-se que uma longa série de pensadores têm cometido, nesta direção, um grave erro de pensamento. erros desta natureza podem ser evitados pela disciplina aqui exposta. grande parte de nossa literatura contemporânea, sobretudo no domínio científico, com seus tortuosos e falsos pensamentos, é dolorosa de ler para quem conseguiu pensar corretamente; e o sofrimento pode chegar à dor física. com isto não desconheço a soma enorme de observações que devemos à ciência natural e a seus métodos objetivos.

e assim chegamos agora a um ponto em que se manifesta uma verdadeira miopia do

pensamento. de fato, as coisas se passam como se o homem ignorasse que seu pensamento carece de objetividade, não sendo, em grande parte, mais do que uma série de hábitos mentais. quem penetra com o pensamento na vida circunstante julga tudo de modo bem diverso do que os observadores superficiais, entre os quais devemos citar os pensadores materialistas. não é fácil convencer por meio de razões, conquanto muito boas e sólidas, quem conhece pouco a vida real. daí resulta muitas vezes inútil fadiga, porque as razões invocadas passam despercebidas, e as afirmações que delas se deduzem não podem ser compreendidas. quem se habituou a ver em tudo apenas a matéria agarra-se para sempre a este vício de pensamento.

o que conduz freqüentemente alguém a afirmar, hoje em dia, alguma coisa não são verdadeiramente motivos ou razões, mas hábitos de pensamento que se dissimulam por trás desses motivos, dominando a alma a tal ponto que sua influência se estende a toda a vida dos sentimentos e das sensações. e quando, deste modo, assim alguém invoca motivos, é porque procura mascarar seus sentimentos instintivos com seus pensamentos habituais.

assim, muitas vezes o pensamento não é apenas o filho do desejo. ele nasce do consórcio entre os sentimentos e os hábitos de pensamento. quem conhece bem a vida humana sabe quão pouco se pode convencer alguém por meio de razões lógicas. a força que decide e convence jaz mais profundamente na alma do que a simples lógica das razões.

e é por isso, por estes e outros bons motivos, que trabalhamos em nosso movimento antroposófico, em seus diversos grupos e seções. quem trabalha conosco notará que ao fim de algum tempo adquire uma nova maneira de pensar, de sentir e de querer. a atividade antroposófica não consiste apenas em achar razões lógicas, mas em assimilar um modo de sentir e de pensar que abranja um mundo mais vasto do que os simples pensamentos lógicos.

como parecia digna de zombaria, há alguns anos, a ciência espiritual antroposófica a quem ouvia falar dela pela primeira vez! quanta coisa, entretanto, que a princípio se afigurava absurda se tornou depois compreensível, clara, transparente! trabalhando no movimento antroposófico, não transformamos apenas nossos pensamentos; aprendemos também a dar à nossa alma perspectivas cada vez mais vastas. a coloração de nossos pensamentos provém de origens mais profundas do que se supõe. são certas impressões, certos sentimentos, que impelem os homens para certas opiniões. os motivos são, no mais das vezes, apenas luxo aparente, ou simplesmente a máscara para disfarçar sentimentos, impressões, hábitos mentais.

para aprender a apreciar os motivos lógicos, temos de adquirir antes de tudo a faculdade de amar a lógica objetivamente. só quando houvermos aprendido a amar a objetividade, a realidade das coisas, as coisas tal qual são, é que poderemos decidir-nos por meio de razões lógicas. assim aprenderemos gradativamente a pensar de modo objetivo, sem preferência por este ou aquele pensamento. nossa visão das coisas se alargará, nosso pensamento se tornará prático — não no sentido rotineiro, mas de modo tal que os objetivos e fenômenos do mundo exterior é que nos ensinarão a pensar.

a verdadeira vida prática nasce da objetividade do pensamento. É a esta objetividade que nos conduz a disciplina aqui exposta, ensinando-nos a fazer com que as coisas do mundo exterior estimulem e penetrem nosso pensamento. esses exercícios devem sempre realizar-se tendo em vista coisas e seres sadios e não pervertidos, ainda não transformados pela cultura humana: os fenômenos naturais. a observação da natureza pelo método aqui indicado nos fará pensadores práticos. uma vez disciplinado o elemento fundamental de nossa alma — o pensamento —, poderemos desempenhar de modo prático as ocupações cotidianas e corriqueiras. o pensamento se orienta espontaneamente, da maneira mais prática possível, quando a alma se dedica à disciplina aqui descrita.

conseqüência fecunda do movimento científico-espiritual antroposófico será também instruir os homens praticamente, fortalecendo-os para a vida de todos os dias. a faculdade de doutrinar sobre a vida não é tão essencial como a de ver e observar as coisas corretamente, tal como são. o modo como a antroposofia penetra em nossa alma, como estimula a atividade psíquica e alarga os horizontes, é muito mais importante do que a possibilidade de usá-la em abstrações e teorias que ultrapassem arbitrariamente o mundo externo dos sentidos e invadam extemporaneamente o mundo interno do espírito.

assim compreendida, a antroposofia oferece à vida humana conhecimentos realmente práticos.

nota bibliográfica

dados completos das obras de steiner referidas nas pág.12:

o conhecimento dos mundos superiores, trad. erika reimann. 4 ed. são paulo: antroposófica, 1996.

teosofia, trad. daniel brilhante de brito. 5. ed. são paulo: antroposófica, 1996.

a ciência oculta, trad. rudolf lanz e jacira cardoso. 4. ed. retrad. são paulo: antroposófica, 1998.

o limiar do mundo espiritual, trad. rudolf lanz. são paulo: antroposófica, 1994.

a direção espiritual do homem e da humanidade, trad. lavínia viotti. 2. ed. são paulo: antroposófica, 1991.